

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Ferreira, Maria de Fátima Lino, 1967-

A inteligibilidade do tempo

<http://hdl.handle.net/11067/6897>

<https://doi.org/10.34628/31ex-ge10>

Metadados

Data de Publicação	2023
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-25T16:31:42Z com informação proveniente do Repositório

INTELIGIBILIDADE DO TEMPO

HIPOTÉTICA DEFINIÇÃO

Fátima Lino

CITAD – FAA-UL

DOI: <https://doi.org/10.34628/31ex-ge10>

Resumo: Na experiência temporal, no contexto arquitetônico, os valores são atribuídos a partir da experiência real do impacto da consciência do tempo (passado/presente/futuro).

O espírito humano não vive só da sua interiorização, isto é, precisa de se idealizar pelo concreto na realização das formas, objectivando-se e temporalizando-se: o tempo é diferencial, o espaço unificante. O tempo é a memória e a utopia, o espaço é a representação e o real. O tempo é a causalidade e a problemática, o espaço o seu efeito.

Dois campos, espaço e tempo, de difícil separação. O primeiro espaço, por possibilitar o posicionamento espacial das 'coisas' materiais; o segundo, tempo, por relacionar as 'coisas' numa ordem temporal. Um estabelece a ordem no e pelo espaço, o outro a relação do tempo das 'coisas'. Esta pesquisa transcende o mero objetivo de analisar um projeto e enfatiza, ao contrário, a temporalidade das formas construídas.

Abstract: When experiencing the concept of time in the architectural context, the true experience of awareness of time (past/present/future) serves as the basis for arriving at notions of value.

The human spirit does not exist merely based on its processes of internalization. That is to say, it requires the concrete in order to construct ideals which emerge from the forms themselves, reifying them and placing them within a temporal context. Time is differential. Space unifies. Time is memory and utopia. Space is representation; it is reality. Time is causality and is problematic; space is its result.

The two fields, space and time, are hard to separate. The former allows the spatial positioning of material objects. The latter relates such objects in a temporal order. One establishes order in and by way of space, the other establishes the temporal relationship between the objects. This research transcends the mere goal of analysing a project, and emphasises, instead, the temporality of the forms constructed.

Our observations of physical things, our feelings and emotions, and our thinking processes extend through time and cannot escape the steady current that flows unhaltingly from the past by way of the present to the future¹. (Reichenbach, 2000, p. 2)

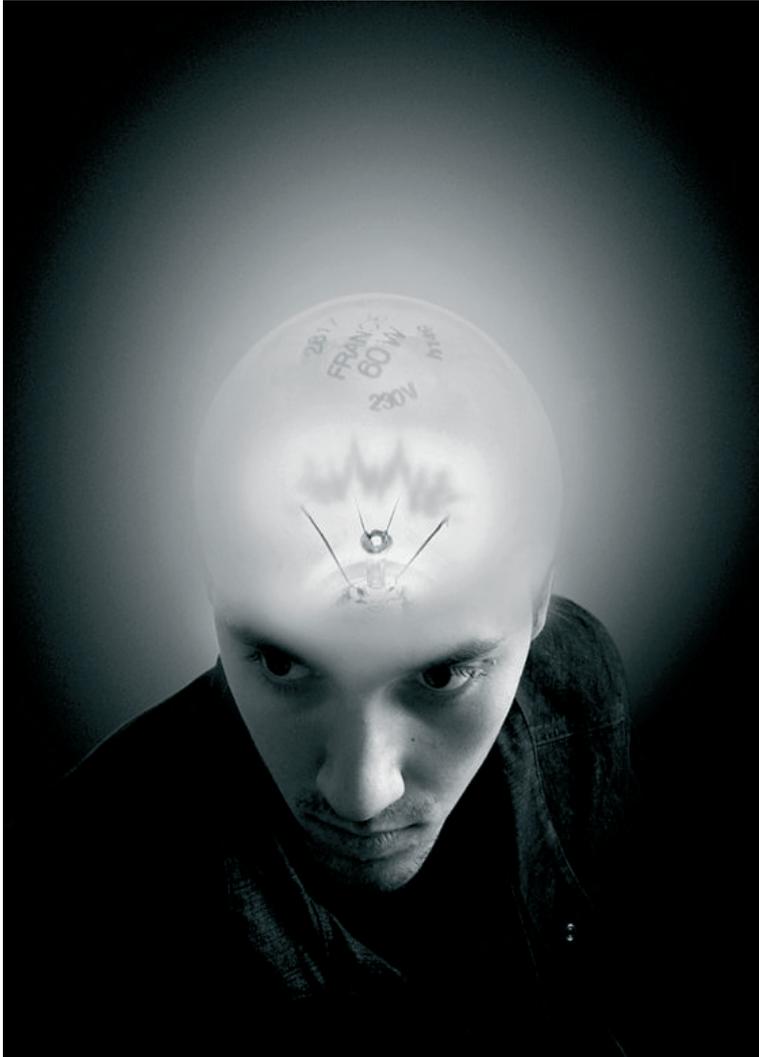


Ilustração 1 - Autoria de João Alves.
Disponível em <<http://www.Olhares.com>>

¹ Inteligibilidade é a capacidade de ser inteligível, compreensível ao entendimento humano.

A palavra 'tempo' surge, numa primeira definição, associado a uma ideia de algo oculto e misterioso, associado a um saber mítico e transcendente (Sanches, 1991); numa segunda definição, associado a um contínuo vivencial que num processo sucessivo e incessante avalia as coisas e os acontecimentos exteriores a nós próprios (nos objectos), que nos conduzem a uma espécie de impassibilidade interior. Mas é na segunda definição que o tempo se torna inteligível, isto é, compreensível ao entendimento humano. Permitindo ao Ser (Homem) a apropriação pela razão de tal elemento do conhecimento (a inteligência que conhece e reconhece as coisas internas e externas ao Ser).

Alicerçamos algumas das nossas ideias no campo da filosofia, talvez, porque, na filosofia tal como na arquitetura existe uma forte impregnação de poética. (Neves, 1999) Sobre a poética, Aristóteles, já no seu tempo, teve um contributo ordenador e definitivo. Ele estabeleceu as características e o terminar da tragédia, até então dominante no teatro, estabelecendo três unidades, acção, tempo e lugar. (Aristóteles, 1994).

Não nascemos em estado adulto por esse facto vamos-nos acostumando aos acontecimentos e às coisas até as assimilarmos como naturais. Não exigimos qualquer explicação científica para justificar os efeitos. Se existe um mecanismo cerebral para compreensão de uma linguagem, existirá um mecanismo cerebral para a compreensão do tempo. Esta capacidade faz-nos aceitar (apreender), com alguma facilidade, a visão do Universo - tal como nos é dada. O mesmo acontece aos fenómenos que o regem, de uma forma, quase, inalterável e definitiva. Mas existe a defesa, sustentada por antropologistas, de que a nossa cogitação do tempo está sujeita a variações que dependem de determinado tipo de conhecimento que nos foi legado, por transmissão, através da história e pela própria sociedade.

Segundo Durkheim² (1858–1917) a concepção do tempo residia no facto da diferenciação da compreensão do tempo pelo Homem, perante determinados tipos de sociedade - *hipótese subjectiva* na interpretação co-

² Émile Durkheim é considerado um dos fundadores da sociologia moderna, tendo sido um impulsionador da escola francesa de sociologia, posterior a Marx, numa associação da pesquisa empírica com a teoria sociológica.

lectiva do tempo. Ao contrário de Kant que sustentou que todos os seres humanos apreendiam o tempo do mesmo modo, partindo do princípio em que as categorias tinham uma *"única fonte transcendental"*. Se por um lado o tempo é dado *a priori* para Kant, possuindo uma só dimensão, sendo único, como forma pura da intuição sensível, afirmando que o tempo fora do sujeito não é nada. Para Durkheim o raciocínio sobre o tempo sustenta-se numa teoria sociológica do tempo e da sua relatividade cultural. Desenvolvendo o seu raciocínio na demonstração de que o ritmo da vida social (organização social) é o pilar basilar da noção do tempo – *tempo sociológico*. Este fluir temporal poder-se-ia dar de maneira heterogénea, descontínua e até reversível, afastando-se da concepção de Kant, na qual o tempo embora "objectivo" (só ele possibilita a realidade dos fenómenos) é dado ao sujeito, através da intuição *"a priori"*, sendo ele uma condição subjectiva sob o qual as intuições se dão. Refere ainda que o tempo é uma forma do sentido interno - *hipótese subjectiva* (intuição individual).

As implicações do tempo são visíveis em toda a experiência humana, ocorrendo deste facto investigações em várias áreas do saber. Isto é, para um físico - *hipótese objectiva* - o tempo é um suporte basilar da realidade.

O tempo astronómico foi objecto de abordagem desde o Neolítico e sustentava-se com grande entusiasmo na previsibilidade do movimento dos astros. O futuro cósmico, o qual nos parece infinito, dado ao tempo nesta área ser *"ultralongo"*, a seta cósmica do tempo - *tempo cosmológico*. (Rees, 2006, p. 31).

O tempo cósmico está associado à filosofia tal como o tempo da consciência. Mas com o progresso a física distanciou-se da filosofia e excluiu o tempo da consciência dedicando-se aos aspectos mais objectivos sobre o tempo, distanciando-se da fenomenologia - a qual a filosofia ainda se debruça e aprofunda.

A hipotética definição, respeitante ao tempo cósmico, sustenta-se na invariância temporal, numa direcção reversível, em que todas as coisas e seres avançam (Fausto e Marnoto, 2006, p.8) sendo na física concebida como abstracção, não nos esquecendo das inquietações na sua definição para que seja inteligível. A física encontra um tempo contrário, a essa abstracção, não podendo considerar, de forma objec-

tiva, a reversibilidade. Promovendo a presença dos fenómenos naturais que evoluem segundo uma direcção irreversível e em movimento.

Esta condição inexorável do 'devir' do tempo (sempre na expectativa de "vir-a-ser") medeia o passado e o futuro pelo presente através da sua seta. (Atkins, 2006, p. 47)

Na biologia o tempo é também um bem – hipótese objectiva evolucionista - pois se ele é importante para os seres humanos no seu quotidiano e nas coisas que o rodeiam, também o será para a sua ontogenia³ e sua filogenia⁴ – *tempo biológico* (tempo vivido) Na biologia a natureza impõe padrões, possui uma duração evolutiva, é direccionável e é irreversível.

Na teologia⁵ – hipótese subjectiva (alma) - surgem várias interrogações da transcendentalidade do tempo e conseqüentemente a crescente importância da sua inteligibilidade. O tempo aqui passa a ter uma dimensão religiosa quando associado ao vaticínio. Durante séculos e até ao século XX, o mito e a religião intentaram inúmeras respostas a essas interrogações, em vários contextos sociais, mas as respostas foram mais intuitivas do que conceituais O tempo é assente na definição de eternidade. Esta é a única realidade de tempo, ou seja, a eternidade, sendo a única que reside na possibilidade de um processo que reside em 'Deus', que é estático e imutável. Nas alegações de Santo Agostinho o presente, se fosse sempre presente, deixaria de ser tempo, para passar a ser eternidade. (Carena, 2006).

Na religião, é em 'Deus' (criador do mundo e por conseguinte do tempo) que tudo começa, decorre, se afasta e regressa por referência. O tempo do Homem e a eternidade de Deus. Esta será, entre outras, uma

3 Ontogenia é uma série de transformações sofridas por um *Ser* desde a sua geração até ao seu completo desenvolvimento.

4 Filogenia é a evolução ancestral das espécies; área da biologia que trata da descendência dos Seres através dos tempos.

5 Ferreira, Maria de Fátima Lino. O ser, o tempo e a arquitetura: uma interpretação das formas. (2013). Cf. 2.3. O Intemporal: transcendência: *A Eternidade, o Ser e Theos*. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitetura e Artes (FAAUL). Tese de Doutoramento em Teoria da Arquitetura.

das interpretações teológicas – a agostiniana. O tempo é um dos problemas que envolveu, desde há muito, filósofos e mitógrafos. (Carena, 2006, p. 214).

Baseado no vivido, começa a aparecer a consciência (não-natureza) do tempo humano, colectivo e psicológico. Embora estes tempos estejam interligados, o *tempo da consciência*, que falamos, não é de todo coincidente com o *tempo psicológico* onde existe uma grande área do inconsciente. O *tempo psicológico* envolve o passado através da memória, a reversibilidade; e o futuro a expectativa e a continuidade para a morte.

Existe uma interligação entre os vários tempos (mencionados); uns emergindo em relação aos outros, deambulando entre o *tempo vivido* e o *tempo do conhecimento*. Desse intercâmbio brota o *tempo da história* que se baseia, quer nas *sociedades naturalistas* (amparam-se no cronómetro e na cronologia – tempo natural) quer nas *sociedades espiritualistas* (sustentam-se no mito, na religião e na filosofia - *tempo da 'alma'*). A '*experiência histórica*' de uma determinada cultura tende à evolução e por conseguinte o tempo 'aparece' sempre nos eventos que se dão e formam essa experiência de modo a perfazer o *contínuo* da história.

Antes do século XIX, o tempo da 'alma', o tempo mitológico, teológico ou filosófico eram dominantes. Após a interpretação do tempo segundo a nova filosofia de Kant, que teve real destaque dado que estabeleceu as primeiras bases desta problemática, numa clara interpretação idealista subjectiva e posteriormente com o aparecimento de uma outra concepção de tempo sustentada na mecânica newtoniana. Esta perspectiva admite um tempo e um espaço absolutos, em que o tempo é independente do lugar e das interacções, baseado no espaço tridimensional da geometria euclidiana, que considerava o espaço imutável e imóvel. Mas esta teoria, de Isaac Newton, esteve sempre associada a uma concepção que continua a não retirar a alma do centro da problemática.

Com a teoria revolucionária de Einstein (Einstein, 1962) no início do século XX, deu-se a grande viragem sobre a problemática da origem do conceito de tempo que até então formalizava as teorias mecanicistas do universo. A sua teoria sustenta-se num sistema de relações de eventos

em que o tempo está enleado ao espaço determinando a posição dos fenómenos em movimento, deixando de ter como referência unificadora o "céu" para passar a ter a velocidade da luz. O tempo deixa, deste modo, de ser 'absoluto' e da 'alma', passando a ser válido para todo o espaço como uma coordenada. Segundo esta teoria o espaço não é: tridimensional, nem o tempo é uma unidade independente. Na realidade o espaço e o tempo formam um binómio tetradimensional, pelo que não poderemos enunciar o tempo sem logicamente enunciarmos o espaço e vice-versa.

Temos assim o lugar onde ocorrem os movimentos e no qual se constata que se dão os acontecimentos, assim como um sistema de referência que marca as ocorrências desses mesmos acontecimentos. Podemos concluir que a *distância* está na origem do conceito de espaço, assim como a *duração* estará na origem do conceito de tempo, ambas coordenadas essenciais para a formalização da arquitetura.

There is no end to perplexity in matters of time. But with the turn of a century approaching, time's enigmatic character seems to become almost an intellectual obsession: with little more than a decade to go the usually modest trickle of books and other time-inspired products of the human mind is gradually widening into a genuine flood" (Michon-Guyau's, 1988, p.161 sublinhado nosso)

Passados que estão mais de cem anos continuamos numa situação similar. Psicólogos, astrónomos, historiadores, biólogos, filósofos e cientistas (físico-químicos) têm uma substancial preocupação no que concerne à estrutura temporal da realidade. Novas imagens do tempo emergem nas ciências naturais como também nas ciências humanas. A arquitetura, associada às ciências naturais, sociais e humanas, ficará inevitavelmente sujeita às novas interpretações temporais da realidade.

Diagrama relacional entre as teorias sobre o tempo nas diversas áreas do conhecimento

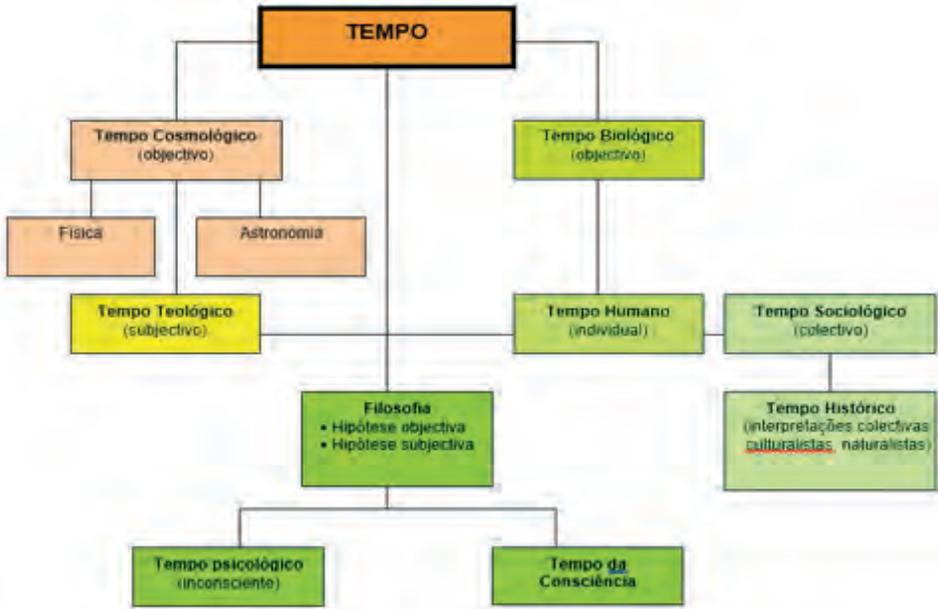


Ilustração 2 - Esquema do autor

O problema do tempo sempre foi um assunto dramático para o homem. Mas parece-nos certo, desde a cultura ancestral até à sociedade actual e ao mundo globalizado, que o tempo é permanência (passado) e é mudança (futuro/devir). Pela vida se vai formando a nossa inteligência e com ela algumas inquietações que hoje se tentam indagar nesta análise. “[...] Without cognitive strategies to represent time we are unable to organize our experiences and expectation. Therefore, to acquire the notion of time is an important functional adaptation of evolution” (Michon et al, 1988, p.168).

Sobre o tempo Jean-Marie Guyau (1854-1888) explicou que a existência do tempo é uma ideia de aprendizagem, à qual corresponde uma evolução e um relacionamento com o mundo exterior: “[...] To acquire the idea of time is therefore an important functional adaptation. It is the result of a long process of evolution in a social context”. (Michon-Guyau, 1988, p.162) E ainda afirmou que o tempo é heterogeneidade, continuidade, diferenciação e concluiu que ele é uma unidade

na diversidade. Ao contrário da condição *a priori* de Kant, Guyau afirma que o tempo é simples efeito da consciência e a sua definição estará no resultado empírico⁶ da nossa adaptação ao mundo exterior⁷.

Procuramos acalmar essas inquietações através do conhecimento, aproximativo, das coisas pelas suas causas⁸ mediante os seus efeitos objectivados no campo da arquitetura, averiguando as reacções que conduzem ao nosso modo de interpretação. Aristóteles dizia que a filosofia, na sua época a ciência, era a 'teoria das causas e princípios'.

[A] teoria das causas do ser é complementada por outra relativa aos princípios do devir universal, ao movimento em geral. Recordemos que os dois problemas primordiais que levaram o homem a filosofar foram a pluralidade dos seres e o movimento, isto é, a mudança e a caducidade das coisas" (Gambra, 1993, p. 60, sublinhado nosso).

Sendo a filosofia o campo de investigação sobre o conhecimento das causas, intentamos, *na visão de um arquitecto*, na convicção de não estarmos em condições definitivas, porque nada é definitivo, de se conseguir apresentar respostas completas e inconcutíveis sobre as causas associadas ao *tempo* e à sua origem. A procura, das origens, conduz-nos sempre a novas interrogações e expectativas. Não esqueçamos que se pretende fazer uma reflexão sobre o tempo e a sua implicação, como factor inexorável e interveniente, na arquitectónica passada e presente. A inteligibilidade do tempo é difícil de fixar dado que o tempo é "*Inapreensível, o tempo parece não ter ser*". Neste intento, teremos que determinar um limite e aceitarmos não ultrapassar certo horizonte que

6 Origem na experiência.

7 Para Michon-Guyau o tempo não é uma condição mas um simples produto do conhecimento. Não é *a priori* que seja imposto. O tempo é tal como se vê, não é se não uma espécie de sistema tendencial, uma organização de representações mentais. A memória não é mais do que a arte de evocar uma organização dessas representações.

8 A causa deve preceder o efeito, no âmbito de um quadro de duração em que o tempo é regular. Causa é referida como sendo suficiente quando ela inevitavelmente produz ou inicia um desfecho, e é dita necessária se o desfecho não pode acontecer na sua ausência.

definimos como último. Como disse Albert Jacquard, na procura de uma origem é como a procura de Graal definitivamente inacessível." (1997).

Para avaliarmos as interferências do Tempo na modernidade arquitectónica deparamo-nos com dois meios de entendimento, são eles a experiência e o juízo; ambos estão ligados tal como o espaço e o tempo. A experiência é difícil e artilosa, só demonstra o que se dá exteriormente e nunca a essência das coisas. Segundo a opinião de Francisco Sanches " [...] A essência das coisas não podemos conhecê-la [...] Ora se não a conhecemos, de modo algum podemos dá-la a conhecer." (Sanches, 1991, p.86)

O *juízo*, esse, exerce a sua função sobre aquilo que se descobriu pela *experiência* e pela *exterioridade*; logo só se poderá valer das coisas externas e da consciência cultural⁹.

Só com a *experiência* e o *juízo* se poderá concluir e perscrutar no conhecimento das 'coisas' e das formas. Embora saibamos que, qualquer juízo para ser válido, tem que ser isento de qualquer inclinação, buscando na experiência a sua verdadeira exploração. Por isso será fácil verificar que por muito imparciais que possamos ser, o juízo que formamos acerca das coisas será pouco limpo dessa isenção. Abnegação que os humanos têm dificuldade de obter, quer pela nossa génese, quer pela nossa sensibilidade moldável e pelas civilizações influenciadoras. Porque o juízo depende da história que vai trazendo à luz a consciência da variação cultural, que se afirma e se torna exigente na medida em que se aprofunda o conhecimento.

Abordamos na tese de mestrado a relação da quadrícula *espaço-tempo*, quando consideramos o tempo como uma coordenada. O tempo precisa do espaço para se dar à evidência, numa relação de

9 Não falaremos nem sobre o senso comum, nem na variação das sensações (sentidos), que influenciam o juízo. Porque é impossível albergar as várias temáticas que surgem dos confrontos imediatos da vivência do Homem com o mundo. O mundo que é o suporte da sua existência. Tentar elaborar um discurso no meio-termo é sempre difícil (por de forma a agradar a todos); até porque o ser breve é perigoso e nos leva à obscuridade; o ser extenso, por outro lado, é comprometedor e pode-nos conduzir ao engano e à contradição.

dependência recíproca. Quando falamos do espaço – conceito – deparamo-nos, com um sistema de referência de ocorrências. Aqui já encontramos a determinação de um possível conceito de espaço, pois basta-nos *três coordenadas* para compreender essa referência – comprimento, largura e altura. Ao longo da história das ciências, a definição de um conceito de espaço foi se alterando, introduzindo-se, nesse sistema, uma outra coordenada a que corresponde o *'instante'* em que se deu a ocorrência.

The real is made up of both extensity and duration, but this 'extent' is not that of some infinite and infinitely divisible space, the space of a receptacle, that the intellect posits as the place in which and from which everything is built. (Pearson, 2002, p. 24).

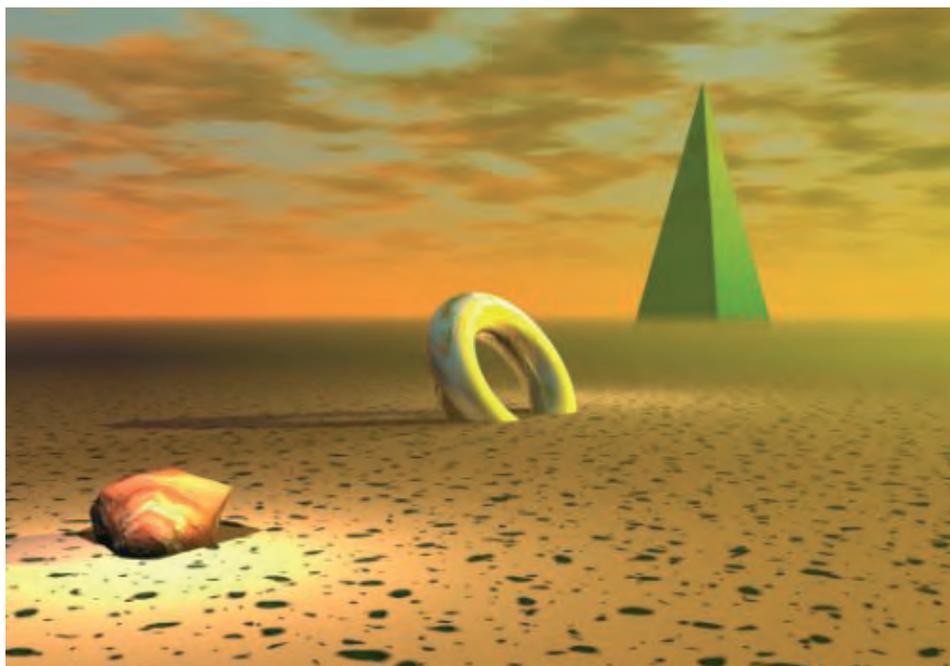


Ilustração 3 - Os objectos determinam entre si distâncias que originam o espaço, a quarta coordenada corresponde à duração que se percorre entre os três objectos aqui representados. Presenciamos o espaço-tempo, numa relação entre distância e duração. Disponível em. <<http://www.Olhares.com>>

Segundo Albert Jacquard (1994) o tempo é percebido através da constatação das ocorrências segundo uma ordem. Se existe sucessão de acontecimentos – um facto ocorre *ante* ou *depois* de um outro – a nossa interpretação do *Tempo* resulta dessa constatação. Este autor coloca a problemática do tempo no ‘*intervalo*’ entre as duas ocorrências sucessivas. Isto é, para ele, o próprio tempo. O que o torna inapreensível é a medição ou tentativa de qualquer medida desse tempo, entre essas duas ocorrências. Como o próprio autor refere “[...] Toda e qualquer medida desse tempo consiste, unicamente, em contar o número de ocorrências de um dado tipo, por exemplo, a alternância do dia e da noite.” (Jacquard, 1999, p. 44)

Mediante os argumentos expressos quer por Emmanuel Lévinas que declarou que o passado e o futuro são perdas da presença (Lévinas, 1998), que por Hans Reichenbach, refere “[...] The present is the only reality. While it slips away, we enter into a new present, thus always remaining in the eternal Now” (2000, p. 2), encontramos-nos perante uma problemática que demonstra o pensamento advogado por Albert Jacquard, quando este se refere à inquietação do conceito do ‘*instante*’.

Aristóteles (384a.C.–322a.C.)¹⁰ discursou sobre o tempo e usou pela primeira vez a designação de ‘*instante*’. A alma¹¹ apreende que existem dois ‘*instantes*’, um *antes* e um outro *depois* e é nesta passagem que se denota o tempo. Retira-se deste fundamento que o ‘*instante*’ pode determinar o tempo. Os *instantes sucessivos* contribuem assim para a continuidade temporal. Segundo Leibniz (1646-1716) do tempo é uma ordem de sucessões e o espaço é a ordem das coexistências.

A definição que caracteriza o *actual* reside nesta incessante sucessão de actualizações do “*agora*”. Pois o fim de um *antes* torna-se o princípio do *depois*. Sendo evocada, nesta relação, a superação da

10 Platão e Aristóteles criaram o núcleo propulsor de toda a filosofia posterior percorrendo todas as áreas do saber. Aristóteles foi aluno de Platão, opondo-se com frequência à sua teoria das Ideias. Só no século XIII a sua obra integra-se na cultura filosófica europeia da Idade Média. Mais tarde São Tomás de Aquino apoia-se nas ideias de Platão para fundamentar o seu pensamento cristão.

11 Estamos perante uma clara reflexão que tende a uma direção subjectivista e espiritual do tempo.

actualidade, isto é, a modernidade. Associado a esta relação “antes/depois” (expressões temporais), a mudança encontra o binómio “antigo/moderno”. Esta transposição permite-nos, por antecipação concluir, que a origem da modernidade encontra-se no ‘agora’¹² subsequente, isto é imediato, encontrando aí o seu «vir-a-ser» - o futuro.

O sentido da modernidade tem em si um “espectro temporal”. Pressupondo que a modernidade, dada nesta forma temporal, disponibiliza-se para a inteligibilidade do tempo através da constituição do sentido da história por comparação com o que lhe é emancipatório – o momento imediatamente a transpor – o futuro¹³. Por nos aproximarmos da ideia de que o ‘instante’ pode-nos conduzir a definição do tempo, não julgamos, por sequência, que o tempo é um eterno presente, o que representaria a evocação da eternidade. A captura de algo que se dá num dado momento, único e singular é a valorização quer do espaço, quer da percepção (valor simbólico representativo efectivo). “[...] This is the space that we divide indefinitely and within which we conceive movement as a multiplicity of instantaneous positions.” (Pearson, 2002, p. 24)

Não se pretende apresentar as controvérsias que existiram sobre o tempo no domínio das ciências exactas, como a difusão, a propagação de ondas, nem apoiar-nos nas definições da termodinâmica, nem tão pouco da entropia. A nossa pretensão serve-se dos fenómenos que se manifestam *no campo da arquitetura*, através dos quais descodificamos e interpretamos as reacções temporais. Sustentar-nos-emos na matéria, antes e depois da sua efectivação. Para a sua demonstração iremos abordar, segundo nosso critério, as várias teorias sobre o conceito de tempo – social, histórico, colectivo, individual - porque o tempo não é homogéneo. Como afirmou Jean-Marie Guyau, o tempo é uma “unidade na diversidade”, isto é conhecido, por todos, através de expressões idênticas de linguagem. A sua universalidade tende a unificar-se (inteligível) mas a sua interpretação é diversa consoante a área na qual se aplica.

12 Corresponde ao presente, identificado através de uma relação causal com períodos temporais (passado/presente/futuro).

13 Na possibilidade de cada ‘instante’ posterior.

O tempo é inteligível, na sua concetualização, necessitando de um 'lugar' (aqui e agora) para se poder percepçionar ou melhor, temporalizar-se. A partir do espaço ocorre a prática do tempo. Este 'lugar', de que falamos, encontra-se no espaço arquitectónico, o qual possibilita a ocorrência das acções através das quais o próprio tempo é praticado. Só apreendemos o tempo quando ele se materializa, se converte em fenómeno e possui uma duração.

Ao lançarmo-nos na procura da essência do tempo e nas suas propriedades básicas, é imprescindível deixar claro, desde logo, se o tempo pertence ao *campo objectivo* ou se somente estará contido na *esfera do subjectivo*; se está inserido num princípio espiritual ou na natureza do mundo material.

Encontramos nas várias teorias um lado *objectivo* como um lado *subjectivo* na avaliação do tempo. Nem sempre foi possível conciliar a objectividade com a subjectividade. Mas sem a experiência pessoal (subjectiva) e colectiva (objectiva, pelo menos no entendimento geral) não poderíamos prever o devir.

É nesta previsão que o passado serve de mediador para uma relação temporal com o que há-de vir (re-interpretação das formas – anterioridade a favor da posterioridade). Associadas a esse «*vir-a-ser*» surgem especulações formais que a arquitetura pretende alcançar neste novo milénio, numa tentativa desenfreada de encontrar novos “*ideais perfeitos*”. Sabemos, no entanto, que temos de aprender que para além do “*Universo exista o Diverso*”. (Casquilho, p.30) E é nesta diversidade e nas suas analogias, convergências e divergências, que se mantém a continuidade, isto é o próprio tempo. Robert Venturi no seu livro “Complexidade e Contradição em Arquitectura” (1995) evoca essa relação. Os contrários, a sua relação de causalidade e efeito, geram uma riqueza que o campo arquitectónico pode explorar. O enredo da diversidade existente neste campo, com a ajuda da filosofia, e não só, possibilita novas áreas de análise e estudo da arquitetura já como uma ciência, feita pelo Homem e para o Homem.

A história da filosofia mostra durante a sua formação até às controvérsias contemporâneas, várias correntes do pensamento sobre o tempo.

O que para uma filosofia é uma interrogativa problemática, para outra, não passa de uma questão exacerbada, mal equacionada. A diversidade é proporcional à perspectivação de interpretação, mediante convergências e ou contraposições existentes nos problemas que se colocam no campo da filosofia. O que se apreende, implicitamente, em todos os discursos filosóficos da modernidade é que a história, ou a sua constituição, não se fazem independentemente da problemática que a constitui. A sua existência alicerça-se na evocação das próprias problemáticas e no dobrar do próprio tempo. Essa diversidade, no sentido pluralista, tal como na arquitetura, é o factor que germina a própria história.

O poder de cumulatividade do campo onde se explora a arquitetura, pólo central de várias disciplinas, permite não só uma possibilidade de antecipação (futuro – «vir-a-ser», como suscita novas ligações com o passado («ter-sido»). É a ligação, da razão humana, de conectar “[...] o que aconteceu e o que virá”, (passado e futuro). (Carrilho, 2001, p. 12)

Os três períodos que se atribui ao tempo são: passado, presente e futuro. O *passado* é uma dimensão estável, inalterável, irrecuperável, in-suprimível e inacessível, porque não pode jamais ser alterado mesmo com a tecnologia que hoje temos ao nosso dispor, nem mesmo perante a ideia que moveu H.G. Wells sobre a construção de uma máquina do tempo. (Davis, 2003). Pura ficção, pois entendemos que só a memória nos permite transportar para “o que não é mais”¹⁴ e efectivamente não é possível ver o que não existe. O *passado* não se dá à percepção sensível, mas como lembrança – através da memória da *reminiscência*, deixa marcas reais bem visíveis no *presente* – os edifícios são essas marcas. O *presente* é demasiado efémero e instável, sendo consecutivamente passageiro. No ‘*instante*’ imediatamente a seguir já é passado. Afirma, neste sentido, Santo Agostinho “[...] Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo mas eternidade” (1990, p. 309) afirma ainda:

14 Ao demolir a teoria sobre o tempo e o espaço de Isaac Newton, Einstein com a sua teoria da relatividade tornou aceitável “o tempo relativo”, tão relativo ao ponto de colocar em causa a existência destes três períodos; o que permitiria hipoteticamente se não fosse pura ficção, as viagens no tempo.

Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente de coisas futuras. Se me é lícito empregar tais expressões, vejo então três tempos e confesso que são três. (Agostinho, 1990. p. 309).

O *presente* divide o tempo em passado e futuro. É o *'instante'* onde tudo começa mas sempre na interdependência desse *'instante'* passar ao pretérito e ao futuro, tornando-se sucessivamente em *'instantes presentes consecutivos'* (a cada novo presente). Por um lado é percepção (no momento em que se dá), é transitório (no momento em que acabou de se dar) e denunciador do que virá (permite converter-se num outro instante que será presente depois de ter sido futuro). No encadeamento deste raciocínio citamos:

O filósofo [Bergson] descreve-a [durée] como um processo contínuo de amadurecimento, em que cada momento [instante], condensado na sua individualidade toda a experiência acumulada no passado mais a novidade imprevisível do presente tende para diante, progredindo até ao futuro ...". (Blanc, 1999, p.45)

O terceiro período corresponde ao *futuro*, à expectativa -*"aquilo que não é ainda"* e *"a sua razão de ser é deixar de ser"*. Este período é a probabilidade, é o único período em que a alteração do presente, se tornou passado, e possibilita o futuro *«vir-a-ser»*.

Desde o século XVIII, existia um fosso entre a filosofia e a ciência. Nesse século os filósofos eram considerados «cientistas» da época. Actualmente existe uma distinção entre filosofia e ciência, que na altura não existia. Para além deste facto a palavra progresso foi uma outra exigência dessa separação e não só. A divisão da filosofia da história do próprio sentido da filosofia, veio ajudar a uma nova perspetivação em várias áreas do saber que compõem o campo da filosofia contemporânea.

O Homem tentou imobilizar o tempo nos registos escritos - teorias, doutrinas - que fundamentava (hipótese objectiva ou subjectiva) de maneira a garantir que os que viessem, num tempo depois, pudessem fazer uso desse conhecimento. Hoje esses registos vão mais além do que o

mero papel e logicamente o tempo adquire novo aspecto e importância no relacionamento entre as pessoas e na própria comunidade.

Neste novo confronto relacionam-se o “*tempo humano*” e o “*tempo histórico*”. Este último, é um múltiplo do “*tempo humano*”, embora muito mais longo (transcende os limites da vida humana) o qual se compõe de sucessivas gerações como unidade de medida. Conclui-se deste modo que no “*tempo histórico*” reside o “*tempo arquitectónico*”. De facto, na observação dos monumentos (conjunto ou isolado), poderemos dizer que é possível medir o tempo e assim teremos não só expresso o *tempo na arquitetura* mas também a *arquitetura no tempo*. O primeiro reporta-nos a uma sucessão contínua do tempo e sua influência sobre a arquitetura; O segundo a uma retrospectiva da arquitetura no tempo, por meio da narração, como sugere Ricoeur, que poderá ser uma reflexão e um contacto indirecto da temporalidade. Através dessa narrativa observável (edifícios históricos) o observador poderá (re) descobrir a experiência do tempo (através das várias temporalidades que o edifício denota que marcam etapas estilísticas – o caso do Mosteiro dos Jerónimos). Ambos (“tempo histórico” e “tempo humano”) reforçam e contemplam a perspectiva diacrónica.

A arquitetura precisa de mudanças (vivemos num tempo de mudança) o que implica de imediato o raciocínio de que ela precisa do tempo para acontecer, tal como precisa do espaço para se realizar. Sem mudança não existe tempo (sucessão - continuidade). Segundo Askin (1969, p.32) “[...] não é o próprio tempo que muda, mas algo que se encontra no tempo”. Logo o tempo é perceptível mediante a existência dos objectos criados pelo Homem, são estes que o denunciam.

Nós actuamos no espaço mas o tempo actua em nós e nas coisas que criamos. Sem a matéria, o tempo não pode ser perceptível. Poderá não existir como substância independente, mas existe realmente “na qualidade da forma do ser” através da percepção dos edifícios existentes, que pela sua perenidade se associam à ordem temporal dando um sentido ao tempo – o Tempo Arquitectónico. Nesse contínuo temporal, os objectos enunciados das acções do Homem são condicionantes do conhecer. (Meneres, pp. 54-72)

Evocamos o aparecer do tempo através das relações formais e materiais, mantendo a possibilidade da reversibilidade mediante um intercâmbio, anacrónico (passado presentificado através da presença material dos objectos)¹⁵ entre passado, presente e futuro. Foi defendido a questão do “ser do tempo” com uma presumível certeza de que o “tempo arquitectónico” é objectivo e, revela-se através de muitos outros tempos, aqui apresentados.

Não vemos o *tempo* a não ser mediante o efeito da forma e da matéria e não entendemos por esse facto que ele possua uma interpretação materialista. Mas se entendermos o tempo segundo a relatividade das características espaço – temporais e a variação das medidas temporais e espaciais, das quais falamos, verificamos que possui um determinado carácter ontológico, estando condicionado pelas mudanças dos corpos materiais e do próprio Ser que o percepçiona.

Henri Bergson (1859-1941) considerava a *duração* pura continuidade da vida interior do Ser (Homem) isto é, o indivíduo é o único possuidor da duração e conseqüentemente o único portador do tempo. Segundo este filósofo, o tempo constitui todo o sentido da existência humana, seria a própria existência humana, “*tempo biológico*”. Kant expõe essa correlação, Homem/Tempo, de um outro modo, dado que concebe o tempo *como “forma”* de um sentido puramente interno. É no fundo a questão subjectiva do tempo, “*tempo psicológico*”. É na subjectividade e na tentativa de tornar o tempo objectivo que emerge o paradoxo do “*ser*” ou do “*não-ser*”. Aristóteles evocava que por um lado ele foi e já não é mais e, por outro, ele vai ser mas ainda não é¹⁶. (Reis, 1994, p. 9)

15 Passado presentificado através dos objectos arquitectónicos. Relação simultânea entre passado e presente (sincrónico).

16 Newton põe em causa a definição do tempo Aristotélico, pois o tempo transcende todos os movimentos e coisas, por isso seria algo Divino – “transcende o tempo”. Contudo, embora Newton considere “o movimento” a medida do Tempo (aspecto que está de acordo com o conceito de tempo, excepto na perspectiva do antes e do depois, de Aristóteles) ele não retira a alma da sua definição, ao contrário de Platão e de Aristóteles (o tempo é exterior à alma pertence ao universo e ao movimento) pois é ela que mede esses movimentos. Com Einstein verificou-se que o Tempo perdeu o seu carácter absoluto, intuitivo e torna-se a medida mais concreta do movimento. Um sistema de relações entre fenómenos ligando-os ao espaço. Destruindo a concepção de um universo sustentado em leis imutáveis, como ad-

As várias reflexões apresentadas sobre o *Tempo* passaram após o século XVIII da expressão vinculada na “*alma*” para a “*consciência*”. Em relação à primeira encontramos as reflexões de Santo Agostinho, Plotino, ou Newton, em que o tempo não seria exterior à alma, ao contrário da ideia de Platão e de Aristóteles; em relação à segunda a de Bergson e de Kant.

Num resumo brevíssimo poderemos dizer que o tempo se impõe à reflexão fomentando a interdisciplinaridade entre os vários saberes, desde as ciências exactas até às ciências sociais: se para Platão o tempo é “*articulação dos movimentos celestes*”- *origem cosmológica*, em Aristóteles o tempo é medida de todo o movimento com base referencial no movimento celeste, sendo em Newton ‘absoluto’, um ser emanado directamente de Deus. Para Kant, o tempo é dado, embora não seja exterior ao sujeito, será uma intuição «*a priori*» do sujeito. Em Einstein, o tempo é determinado pelo seu lugar, pelo sistema de referência ao qual um observador dado está ligado, embora sempre tendo como referência «absoluta» a velocidade luz. O tempo, para Plotino, não seria, nem o movimento, nem número, nem medida, ele não é exterior à alma. Para o filósofo Bergson, o tempo está intimamente ligado à nossa duração interior e correlacionado com a nossa consciência. Para Bachelard dará maior importância à «descontinuidade» e à pluralidade do tempo da consciência.

De facto, deparamos com muitos conceitos sobre o tempo, mas nenhum deles é ainda preciso. O carácter universal do tempo tornou-se tão óbvio que ninguém o põe em causa mas também ninguém o consegue definir. Se nos localizarmos somente nesta área de estudo, que é a arquitetura, entendemos que o *Tempo na Arquitetura* é objectivado pela forma da existência do mundo edificado e sua associação à concepção arquitectónica. Através da arquitetura o tempo é objectivado, sendo posto perante todos os presentes de um modo apreensível. Ainda há muito para investigar, porque ainda não se sabe se o tempo pertence ao conjunto dos “*seres*” ou dos “*não seres*”.

vogava Newton ou mesmo a interpretação dualista do universo, o domínio da matéria e do espírito, defendida por Descartes – século XVII.

Na verdade parece-nos que todas as reflexões são possíveis e poderão ser verdadeiras, não esquecendo que reflectem experiências múltiplas em diferentes épocas, várias culturas e diversos universos simbólicos. Contudo esta vertente histórica das mentalidades e dos seus variados conceitos, veio reforçar o sentido do próprio *tempo* na reformulação de uma ideia mais aproximada na sua forma de se dar.

Rendemo-nos mediante a questão do *ser do tempo*, com uma presumível certeza de que o "*Tempo Arquitectónico*" é objetivo e, transparece através de muitos outros tempos focados neste capítulo. A perspectiva objectivista refere-se às relações temporais das obras arquitectónicas, situando-as no tempo em relação à "*anterioridade/posterioridade*", "*sucessão/simultaneidade*" e "*antes/depois*". Evocando o aparecer do *tempo* através das relações formais e materiais, mantendo a possibilidade da reversibilidade mediante a interligação entre o passado (memória), o presente (presentificação) e o futuro (imaginação).

Só adquirimos conhecimento mediante as relações. Mas essas, na presença constante do desenvolvimento das investigações, vão sendo exploradas e por conseguinte melhor definidas. Possibilita afirmarmos, por aferição, que existe um "*tempo arquitectónico*" que se deixa perceber através do objecto arquitectónico que se alicerça no espaço. Este conceito de tempo sustenta-se numa estrutura complexa onde se interligam vários campos do conhecimento. Concluiremos deste modo que o "*tempo arquitectónico*" é o somatório de vários "*tempos*", os quais identificamos em diagrama:

Diagrama relacional entre as teorias sobre o tempo nas diversas áreas do conhecimento e sua relação com o Tempo Architectónico

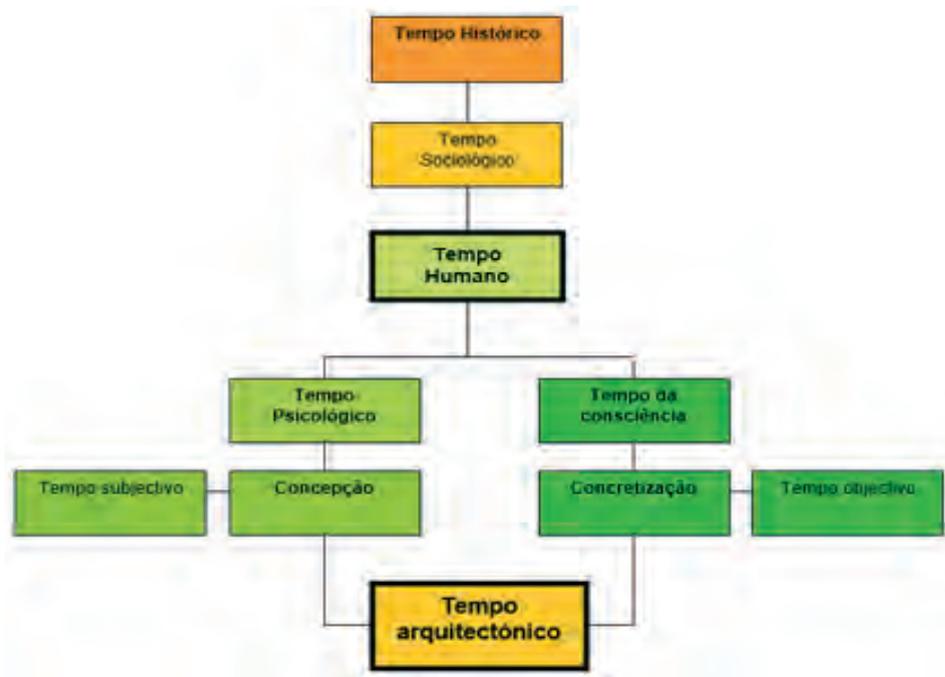


Ilustração 4 - Esquema do autor

A nossa proximidade a um possível conceito pode, para muitos, ser mais uma simples especulação, mas entende-se que as diferentes ideias – por analogias ou por dicotomias – podem comportar ainda, conceitos diversos. Aludindo a extensão do conceito para outras áreas de conhecimento e práticas, para além da arquitetura, conclui-se que a variação e o conteúdo do conceito associado à palavra tempo, neste contexto, implica um grande leque de significados. Vitruvius escreveu no seu livro *“Os dez livros de Architectura”* que a arquitetura é uma arte de construir mas também, é a realização de medidores de tempo – os edifícios.

Bibliografia

- AGOSTINHO**, Santo (1990) - *O Homem e o Tempo - Confissões*, Braga, Livraria Apostolada da Imprensa, (livro onze).
- ARISTÓTELES**, (1994) – *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- ASKIN**, I. F. (1969) - *O Problema do Tempo (Sua Interpretação Filosófica): Rumos da Cultura Moderna*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A.
- ATKINS**, Peter (2006) - *A Química-física do tempo: Tempo e Ciência*. Lisboa: Gradiva.
- BERGSON**; Henri (1963) - *Essai sur les Données Immédiates de la Conscience*, Paris: PUF.
- BLANC**, Mafalda Faria (1999) - *Metafísica do Tempo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- CARENA**, Carlo (2006) - *Tempo do homem, Tempo de Deus: Tempo e Ciência*. Lisboa: Gardiva Publicações.
- CARRILHO**, Manuel Maria (2001) – *O que é a Filosofia?* [s.l.]: Quimera Editores.
- CASQUILHO**, José - «*Figuras do Tempo*»: História, Filosofia, Biologia, Literatura, Política e Economia do Tempo, (encontro e leituras do tempo). Lisboa: Edição Universidade Internacional.
- DAVIES**, Paul (2003) - *Como Construir Uma Máquina do Tempo*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- EINSTEIN**, Albert (1962) - *Como vejo o mundo*. 2ª ed. Lisboa: ENO.
- FAUSTO**, Rui e **MARMOTO**, Rita (2006) - *Tempo e Ciência*, Coleção Ciência Aberta. Lisboa: Gradiva Publicações.
- FERREIRA**, Maria de Fátima Lino (2013) – *O ser, o tempo e a arquitectura: uma interpretação das formas*. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitetura e Artes. Tese de Doutoramento em teoria da Arquitetura.
- GADAMER**, Hans-Georg (2006) - *Verdade y Método II*. Salamanca: Ediciones Sígueme.
- GAMBRA**, Rafael (1993) - *Pequena História da Filosofia*. Lisboa: Planeta Editora. (tradução.de: Fernanda Soares de Historia Sencilla de la Filosofia, Madrid, Ediciones Rialp, 1991).
- GUITTON**, Jean (1998) - *Justificação do Tempo*. Lisboa: União Gráfica. Guggenheim Bilbao Museoa. GA Document: [s.l.].
- JACQUARD**, Albert (1997) - *Pequeno Manual de Filosofia para uso dos Não-Filósofos*. Lisboa: Terramar Editores, [s.d] (tradução de: Joaquim

de petite Philosophie à l'Usage des Non-Philosophes, Paris, Éditions Calmann-Lévy).

LÉVINAS, Emmanuel, - *Transcendência e Inteligibilidade*. Lisboa. Edições 70, [s.d.] (tradução de: José Freire Colaço, de Transcendance et Intelligibilité, s.l., Éditions Labor et Vides, 1984).

LÉVINAS, Emmanuel (1998) - *Da Existência ao Existente*. Coleção Travesia do Século. São Paulo: Papirus Editora, [s.d.] (tradução de: Paul Albert Simon e Ligia Maria de Castro Simon, De l'existence à l'existant, 4ª edição, Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1986).

MENERES, Clara - *As Máquinas de Medir o Tempo: História, Filosofia, Biologia, Literatura, Política e Economia do Tempo*, Almerindo Lessa – Coordenador do Encontro e das Leituras do Tempo. Lisboa: Edição Universidade Internacional, [s.d.].

MICHON - Guyau, John A. et al. (1988) - *Guyau's Idea of Time: A Cognitive View*. North-Holland: Elsevier and KNAW.

REES, Martin (2006) - *O princípio e o fim do tempo: Tempo e Ciência*: Coleção Ciência Aberta. Lisboa: Gradiva Publicações, Lda.

REICHENBACH, Hans (2000) - *Our observations of physical things, our feelings and emotions, and our thinking the present to the futur: The Direction of Time*. New York: Courier Dover Publications, p.2 – pt. 1. The Emotive Significance of Time.

REIS, José Carlos (1994) - *Tempo, História e Evasão*. [S.l.]. Campinas, SP: Papirus Editora.

SANCHES, Francisco (1991) - *Que Nada se Sabe*, (secção de Filosofia). Lisboa: Veja Universidade.

SARTRE, Jean Paul (1940) - *L'Imaginaire*. Paris: Gallimord, 1940.

STEINER, George (1993) - *Presenças Reais*. (Artes do Sentido) a: Editorial Presença, 1993.

VENTURI, Robert (1995) – *Complexidade e Contradição em Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes.